

O Grande Irmão.....

“In a grim city and a terrifying country, where Big Brother is always watching you and the Thought Police can practically read your mind...” (George Orwell, 1984).

deixar-se cingir pelo Cinturão do Milho, cuja presença se intensifica com a ação do Cinturão da Bíblia – já que ambos delimitam a mesma área geográfica –, não é o destino usual de quem procura conhecer os Estados Unidos. Mas é a melhor maneira de descobrir o real significado da *Americana*. Aliás, foi justamente no Meio-Oeste onde ouvi, pela primeira vez, esta expressão que resume o espírito mais arraigado do país. Pois é no Meio-Oeste que se concentram planícies, fazendeiros, gado e milho, KKK, caça, porte generalizado de armas, bandeiras confederadas, torta de maçã quente e intensa religiosidade.

Há duas maneiras para um estranho conhecer a região. Em alta velocidade, pelas *Interstates*, que pouco revelam das intimidades da área: trata-se de auto-estradas que apenas rasgam as plantações de milho, o que, no verão, significa passar entre duas massas verdes compactas e de altura superior à da linha de visão. Além das áreas de descanso, onde os viajantes se entrecruzam, li-

TERESA CRISTÓFANI BARRETO

e outros

menores

geiros, ali não há postos, restaurantes ou qualquer atividade que permita contato com as pessoas da terra. E a maneira ideal, pela velha Rota 66.

A Mother Road, também Main Street of America, como a chamam por lá, reveste-se de ambos os qualificativos de maneira literal. Sua generosidade a faz convidar os roadies para conhecer cada cidade que ela, com desenvoltura, atravessa metamorfoseando-se em Rua Principal, oferecendo cafés, tortas, grelhados inesquecíveis. Não faz diferença entre vibrantes ou insípidas capitais ou cidades de dezenas de habitantes, e tampouco esquece daquelas que desapareceram quando a estrada foi desativada. Os habitantes desses lugarejos, bem educados pela velha Mãe, recebem os forasteiros com alegria e calor. Para melhorar, na primavera □ *quando fiz todo o trajeto, de Chicago a Los Angeles – os campos de milho*

estão apenas começando a brotar, franqueando ao viajante vistas intermináveis.

Não é raro seguir por trechos que passam pelo meio de uma comunidade onde não se vê ninguém. As casas são bem-cuidadas, a grama aparada, há flores calculadamente dispostas nos jardins, mas não se vêem pessoas, gatos, cachorros, galinhas. Apenas passarinhos e esquilos, o que não é indício de que as casas sejam habitadas. O tempo parece suspenso. Apesar da primavera, as manhãs são de inverno, com temperaturas que beiram o zero. Mas, principalmente, a luz é de inverno, branca, fria, o que tampouco casa com a relva verdejante, as árvores cobertas de folhas, as flores em abundância. Tal qual num quadro de Edward Hopper, a sensação é de coisas que não se coadunam.

E a estrada leva seus seguidores, sem cerimônia, pelas partes reservadas das casas, que, além de não terem muros, fran-

*Placa de motel
abandonado em
Illinois,
anteriormente
voltada para
quem se dirigia
a Califórnia*

queiam, sem pudor, a visão do que, para nós, vem a ser uma de suas partes mais reservadas e só revelada aos mais chegados: o quintal. Área de lazer familiar, muitas vezes por nós separada – também por recato – dos varais onde se dependuram roupas íntimas, o terreno que fica atrás das casas é ali aberto à visão pública. O desconforto é de quem, oriundo de outra cultura, crê-se bisbilhotando quem quer que apare a grama, leia, aproveite o sol completamente à vontade. Para estes, contudo, não existe a noção da usurpação da privacidade.

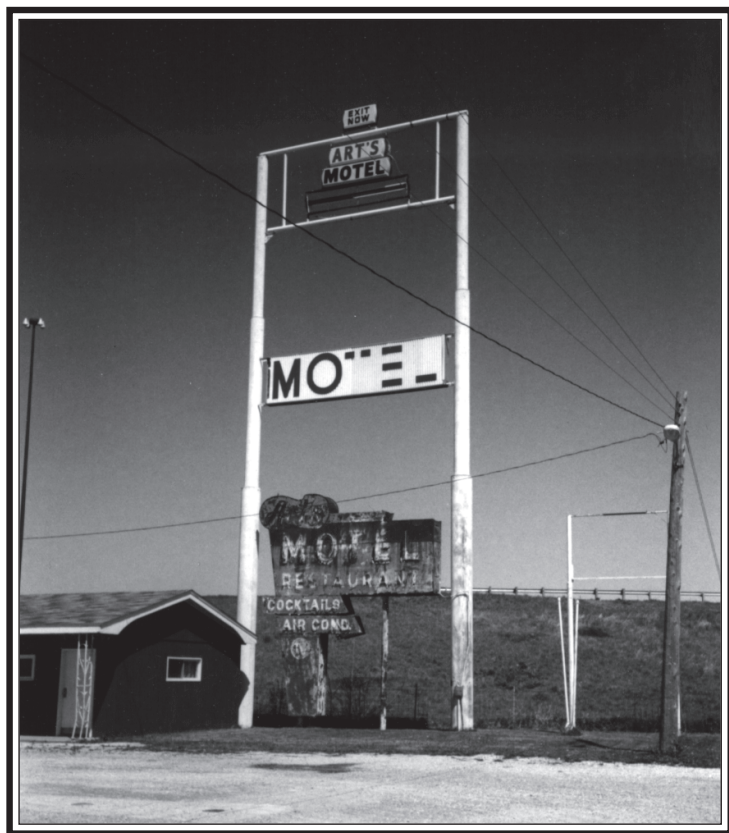
Tal concepção do privado aberto ao público – já que fora e dentro se confundem – provoca, repito, constrangimento. Quem olha imagina-se fitando furtivamente algo que, acredita, deveria ser resguardado; acaba, sem querer, transformado em *voyeur*. Duas noções arquitetônicas tão opostas, ao se observarem, criam desvios de percepção, além dessa incongruência: “voyeurismo involuntário”. Sem contar que é praxe os proprietários das casas entram, anunciados apenas por uma rápida saudação, nas casas dos inquilinos, seja para efetuar algum reparo, verificar o encanamento ou mesmo certificar-se de que as visitas não trouxeram consigo algum animal, proibido em cláusula contratual.

Para o habitante da região, contudo, mesmo que estrangeiro, o mal-estar inexistente. Deu lugar, por outro lado, a certa forma de controle disseminado e revestido de ares comunitários. Assim, por exemplo, a dona-de-casa controla os filhos do vizinho que perambulam pelo quintal, justo em horário em que deveriam estar na escola. Os garotos, conclui, zelosa do dever cumprido, devem estar gazeteando. Um telefonema à secretaria da escola ou ao trabalho dos pais evitará problemas maiores. E pensa, consigo, que, se um dia seus meninos estiverem na mesma situação transgressora, estarão todos seguros com a denúncia de outra vizinha.

Sem que se dêem conta, esses tranqüilos habitantes, zelosos e zelados, colocam em prática o olhar coletivo e poderoso que tudo vê, que tudo sabe, e toma as atitudes necessárias para a manutenção da ordem e o bem comum. A geringonça ficcional com ares de eletrodoméstico que informava as autoridades sobre tudo o que se passava em todas e cada uma das casas da obra de George Orwell, que o viajante entendia como alegoria do totalitarismo, lhe é fulminantemente revelada como um inocente costume da região. A espreita é constante, realizada por uma miríade de olhos que se oferecem doces, cuidadosos, o que a torna ainda mais nefasta que a levada a cabo pelo *Big Brother*.

O amoroso sentido original da expressão da língua inglesa – do irmão mais velho ou daquele que toma seu lugar para prover os menores de proteção e orientação – perde-se na dúvida quanto à natureza da espreita, sua intenção ou as conseqüências impostas aos vigiados. O afetuoso perdeu lugar para o sinistro.

Pensados e repensados, esses estranhamentos experimentados pelo viajante acabam soando-lhe familiar, tanto no tema da intimidade revelada quanto no tratamento dado à luz. Refiro-me, novamente, aos quadros de Hopper, alguns dos quais são pontuais não só na temática em discussão, como também na geografia visitada. É o caso, por exemplo, de “Western Motel”, de 1957, que resume todos os elementos do mal-estar tratado: uma mulher, vestida com





Root Beer,
refresco popular,
ainda hoje, em
todo trajeto da
Rota 66

esmero, roupa de verão, está sentada na cama do motel, as malas feitas, uma toalha dobrada sobre a poltrona que fica diante da cama. Atrás da personagem, um janelão escancarado, através do qual é possível ver as montanhas, a estrada de concreto, as laterais de areia amarela, um carro estacionado. A luz que entra, apesar do amarelo das cortinas e de parte da paisagem, é branca, e confere à pele dessa mulher uma palidez que pouco ou nada tem a ver com braços, colo e pernas à mostra, em tempo quente. A mulher, tensa – sua mão agarra-se aos pés da cama, fazendo saltar músculos e nervos –, as costas muito eretas, olha fixamente. E o principal desconforto do quadro vem desse olhar: ela mira, diretamente, a quem a observa do lado de cá da tela. É bem verdade que a janela está completamente aberta, ao lado da qual há parte de outra, também aberta, o que convida a quem quer que seja olhar para dentro da cena. Mas também é fato de que nós nos aproveitamos de uma posição vantajosa, a de poder ver qualquer coisa, e de ângulo não oferecido pela mulher. Só que, neste caso, estamos sendo pegos em nossa observação. Ela nos flagra, tensa e solitária, no meio de uma história narrada por objetos e nervos contraídos. “O quadro”, ensina Hopper genericamente, “não é a transposição exata de um local real, mas uma com-

binação de esboços e impressões de elementos desta região”.

Mas a vigilância vai mais longe. Adquire fundamento religioso e alastra-se por toda a região. Explicita-se em placas de diversos formatos e dizeres, e no fundo obriga o viajante não só a rezar, mas principalmente a lembrar-se, a cada momento, que alguma força vigia seus passos e o punirá, sem misericórdia, se seguir a trilha que alguém determinou ser a do Mal. “Bem-vindo a Carlinville. Você pode freqüentar a igreja de sua escolha”, diz, pretensamente amigável, uma dessas placas de Illinois. Ou apenas: “Freqüente a Igreja de sua escolha”, na entrada de cidade vizinha. A placa na entrada de Tulsa, Oklahoma, traz a imagem de Jesus na cruz, em extremo sofrimento, com os dizeres: “Jesus morreu pelos pecados pecados pecados pecados pecados pecados pecadores”. Em Sapulpa, no mesmo estado, vê-se no cartaz um pecador, diante de um livro aberto que desfia todos os pecados que todos costumamos cometer e, para arrematar, um Jesus de dedo acusador em riste, dizendo: “O dia do Juízo vai chegar. Pare de cometer tantos pecados!”. Perto de Oklahoma City, capital do estado e sua maior cidade, com perto de 500.000 habitantes, uma placa ordena: “Reze. A qualquer hora. Em qualquer lugar”. Outra, na porta de uma igreja batista, pergunta: “Como

“você vai passar a eternidade? Na ala dos fumantes ou não fumantes?”.

Tais placas, contudo, são mais uma instituição de cada cidade do que propriamente da Rota 66. Canonicamente falando, há algumas que fazem parte da história da estrada, como o grande cartaz de madeira que anuncia as Meramec Caverns, antigo esconderijo do bandido Jesse James e hoje ponto de encontro, nos dias de manutenção do antigo anúncio, dos amantes da Rota. Ou as espalhadas pelo trajeto, anunciando “Tucumcari Tonite”, mesmo que seja a mais de 500 milhas de distância dessa pequena cidade do Novo México, onde se concentram os motéis históricos mais conservados. São também citação obrigatória nos volumes sobre a estrada as placas de motéis voltadas apenas para a direção Oeste, seguida por quem ainda tinha algum dinheiro no bolso nos anos da depressão. Mas as mais peculiares da Rota 66 são, a meu ver, as da *Burma Shave*.

Burma Shave é o belo exemplo de como certos elementos vão se mostrando aos poucos aos estranhos. Foi preciso juntar pedaços, informações, algumas fotos, para finalmente dar com o significado de uma velha e importante tradição. Nesse caso, acabei apurando que se trata de um antigo creme de barbear, a que mais tarde somou-se a linha completa: loção, *aqua-velva*, talco. Mas o que fez do produto o grande sucesso entre os viajantes foi justamente sua forma de propaganda, placas vermelhas com versos escritos em letras brancas, distribuídos em frases cortadas de acordo com a possibilidade de leitura dos viajantes. No entanto, a *Burma Shave* criou verdadeira obra poética. Há livros, de mais de 250 páginas, que compilam os diferentes versos escritos ao longo de décadas. E não apenas a apresentação desta fortuna literária como também estudos que beiram a crítica.

Mas essa bela tradição da propaganda inventada nas margens da Rota 66 migrou para as *Interstates*, e brota dos milharais em atitude de desafio às leis federais que impedem qualquer tipo de publicidade, restringindo os avisos às placas oficiais, austeras e de pouca prosa. Apesar dessa

regulamentação estrita, esgarçam-se sucessões de placas fincadas na plantação, numa precisa ordenação que leva em conta a velocidade de quem as lê, em plena consciência rítmica, tal qual ensinou *Burma Shave*.

Em total domínio da arte do convencimento, essas placas apresentam textos de extensão significativa, mas perfeitamente quebrados nos momentos exatos de cesura, tanto do significado, quanto da cadência. Fazem a mais crua propaganda a favor da ampla e irrestrita legalização do porte de armas de fogo. Seu instrumento retórico é o discurso religioso. Em resumo, e sem qualquer pretensão de transcrevê-las literalmente, cito: “É a única forma que você tem de se defender”; ou “Como você pode dar segurança para sua mulher e filhos, atribuições sagradas do pai de família, se você não possui uma arma de fogo?”; ou, ainda, “Como defender suas terras, seu lar, seu santuário, sem armas de fogo?”, etc. Usam como justificativa versículos inteiros da Bíblia, com as devidas referências.

O horror provocado só é verdadeiramente percebido depois da leitura de alguns desses conjuntos, tamanha sua inverossimilhança.

Forma extrema que une técnicas da propaganda regional com o espírito do Grande Irmão disseminado pelo Cinturão da Bíblia e, o mais assustador, com o fundamentalismo religioso, essas placas são a síntese de uma visão de mundo arcaica que persiste não só entre os fazendeiros, mas está presente nas capitais, até em instituições governamentais. Apenas na primavera de 2000 o governo federal sancionou uma lei que proíbe os edifícios públicos de hastearem, ao lado das bandeiras oficiais, a bandeira confederada, que, diga-se de passagem, foi devidamente incorporada pela bandeira da Ku Klux Klan.

Saudoso de um tempo em que “a América era América”, o Meio-Oeste acabou produzindo fanáticos como Timothy McVeigh, condenado à morte pelo atentado em Oklahoma City, que repetia que “um homem armado é um cidadão, um homem desarmado é um súdito”, tal qual ainda pregam as placas de beira das estradas mais modernas do país.